

Aldina Duarte

O fado feminino

Aldina Duarte chegou tarde ao fado. Ou, talvez seja mais acertado dizê-lo, não chegou com a idade com que hoje se celebram as novas vozes, augurando-lhes grandiosos futuros quando ainda mal se cruzaram com a vida. Por isso mesmo, a sua aprendizagem depois da epifania de ouvir Beatriz da Conceição a dois passos fez-se com outro fundo, uma bagagem emocional sólida e uma maturidade pessoal que nunca a fez cair num registo de excessos. Pelo contrário, Aldina não tem ponta de histrionismo no seu canto, não procura impressionar de forma gratuita, antes canta buscando em cada palavra a sua verdade absoluta e o autêntico espelho daquilo que lhe vai na alma.

Apaixonada confessa pela literatura, Aldina não faz dos seus discos os habituais apanhados de poemas (mais ou menos contemporâneos) que, de forma quase aleatória, preenchem os registos da maior parte dos fadistas surgidos pós Mísia e Camané. A inteligência e rigor que dedica a cada álbum tornam-nos objectos de um deleite que convoca todos os sentidos. Não é só a voz que faz com que a terra estremeça - como dela se diz e canta - ou a profunda e ajustada carga poética. Sobretudo quando a palavra que lhe é oferecida vem de parceiras habituais como Maria do Rosário Pedreira ou Manuela de Freitas. Ou, inclusivamente, da safra da própria fadista. O amor enlutado, a paixão visceral ou a condição feminina, não há ninguém que os cante como ela.

A revelação

É habitual dizer-se que há um momento em que a vida de cada um de nós muda para sempre. E é possível dizê-lo, com maior ou menor grau de preciosismo, em relação a inflexões afectivas e profissionais, a acidentes de percurso que rompem com os planos sonhados. Mas, em muitas dessas vezes, esse momento apresenta-se como algo relativamente abstracto, opaco, distendido. Uma acumulação de circunstâncias e não tanto um momento concreto. No caso de Aldina Duarte, contudo, torna-se possível estender o dedo e pousá-lo com segurança aqui: na noite em que, a pedido do realizador e encenador Jorge Silva Melo, se dirigiu a uma casa de fados com a missão de entrevistar Beatriz da Conceição para um documentário em que entrariam também Fernando Maurício e Celeste Rodrigues. E em vez de sair de lá com uma entrevista, depois de passados olhos e ouvidos pela fadista, Aldina veio num alvoroço emocional, como que repentina e violentamente puxada para o fado. Para aquele fado. A partir daí, é seguro dizê-lo, a sua vida não mais foi a mesma.

“Fiquei apaixonada por tudo o que ouvi, pedi-lhe conselhos, falou-me de tudo o que é mais importante no fado. Quis ser fadista. Passei dias a ouvir muitos discos de fado, noites a ouvir muitos fadistas, meses a ler e a decorar poemas”. Assim lembrou no seu site oficial esse momento que tudo mudou. “Foi um fenómeno brutal pela visceralidade de tudo aquilo”, lembrou ainda em entrevista. “Tornei-me uma aluna da Beatriz. Ia ouvi-la todas as noites” (1). “Aquilo para mim era como estar a dois metros da Billie Holiday” (2).

O arrebatamento foi tão violento que Aldina não encontrou imediatamente o seu lugar dentro do fado. “Não foi logo amor, amor sereno, como é agora”, explicou. “Era uma espécie de tremor que me acontecia sempre que cantava, como se fosse outra pessoa. Há sempre uma sensação de vertigem quando se acorda. Nunc achei a ter uma grande paixão. Passou de uma grande confusão para um grande amor”. (1)

A infância não dita

Aldina tinha 24 anos. Nascida em Lisboa, em Julho de 1967, tinha crescido num bairro social em Chelas e passado pelo jornalismo e pelo radialismo. A sua sede de cultura colocara-a na rota de gente como Jorge Silva Melo ou do grupo de pop excêntrica Valdez e as Piranhas Douradas. Aldina assumia a responsabilidade das segundas vozes do colectivo liderado pelo actor Pedro Wilson que se anunciava como “uma banda de xunga/rock comercial”.

Na altura em que teve por epifania a visão abençoada de Beatriz da Conceição, Aldina trabalhava como monitora num Centro de Paralisia Cerebral. E seria aí, junto daqueles com quem passava os dias que se estrearía na vida que passaria a ocupar-lhe as noites. O seu primeiro espectáculo seria, portanto, para os funcionários do Centro.

Para trás, ficava uma infância de que a fadista prefere não falar. Marcada por um ambiente ainda pesadamente fascista, Aldina perde o pai para a Guerra Colonial – “foi quando eu tinha três meses e morreu lá, tinha eu dois anos; representa a injustiça da Guerra, onde morreu tanta gente, estupidamente”, confessou (3) – e assiste àquilo a que chama o “sofrimento redobrado” de saber-se pobre e ter de testemunhar a humilhação social dos pais ou, no caso, da mãe. Daí que classifique a infância como “triste e cruel” e a sinta como uma etapa demasiado passageira, substituída por uma idade adulta começada precocemente.

Dois amores

Os primeiros anos de vida de Aldina Duarte, no entanto, trouxeram-lhe dois amores edificantes, estruturantes, que lhe forneceria um escape para o seu dia-a-dia. O gosto pela leitura, inculcado desde cedo pela mãe, baseava-se não apenas no contacto com a grande literatura em si mesmo, sendo igualmente alimentado pela mãe na convicção de que “a salvação de um pobre era a inteligência e o conhecimento”. “Os livros”, diz ainda Aldina, “ajudaram em tudo” e “no início eram mesmo a minha única e grande saída daquele mundo limitado em que vivia – Chelas”. Esta ideia de salvação, diz a fadista, é partilhada pela música. “Desde que entrei em contacto com elas fiz tudo para não as perder e para alimentar a presença delas na minha vida” (3).

As suas primeiras referências musicais viriam do chamado canto de intervenção. “Para mim, só havia José Mário Branco, Fausto, Sérgio Godinho e, passado algum tempo, Jorge Palma. Cheguei ao mestre, Zeca Afonso, através dos seus discípulos” (3). Aos poucos, os ouvidos de Aldina começariam a sintonizar-se nas cantoras de jazz e de blues clássicas, a sorver o canto expressivo de Billie Holiday, Nina Simone e Ella Fitzgerald, cuja qualidade interpretativa nunca se deixou subjugar pelo virtuosismo vocal. Esse fascínio pelo uso da palavra em contexto musical levá-la-ia igualmente ao encontro de Jacques Brel, mestre absoluto na encenação de uma canção.

Aos 20 anos, Aldina larga a escola, sai de Chelas e parte em busca da sua autonomia e de descodificar aquilo que a vida guarda para si. Nessa altura, o fado era não mais do que uma tangente nos seus dias, ouvia-o por acaso na rádio através dos sucessos de Amália ou de Carlos do Carmo, mas não sabia nenhuma letra de cor. Até então, incentivada também pelos colegas que nela percebiam haver uma voz fora do normal, cantara apenas temas de Sérgio Godinho (“A Noite Passada”) ou Joan Baez (“Amazing Grace”) nas festas da escola.

As noites na Comuna

Na sequência da pesquisa encomendada por Jorge Silva Melo, Aldina Duarte acaba ela própria por figurar no filme *Xavier*, realizado por Manuel Mozos e escrito por Mozos, Silva Melo e Manuela Viegas, interpretando “Novo Fado da Severa (Rua do Capelão)”, filmado na Mouraria, com os moradores a exigir um bis. Aconteceu isto em 1992. No ano seguinte, Aldina canta fado pela primeira vez em palco, na peça *Judite, Nome de Guerra*, de Almada Negreiros, numa encenação de Germana Tânger no Teatro S. Luiz.

Pouco depois, em colaboração com o encenador João Mota, Aldina cria as famosas Noites de Fado no Teatro da Comuna, ao abrigo das quais convida gente como Beatriz da Conceição, Manuel de Almeida, Maria da Nazaré, Carlos Paulo e Manuela de Freitas. É nessas circunstâncias que acaba por conhecer Camané, nascendo então uma relação amorosa que durará dez anos e fará de Aldina a responsável pela escolha de reportório para os seus discos. Por outro lado, na condição de colaboradora da EMI-Valentim de Carvalho, trabalha na organização digital do espólio e na elaboração de colectâneas de Raul Ferrão e Alfredo Marceneiro.

Ainda no âmbito das Noites de Fado, na Comuna, Aldina acaba por ter à sua disposição o pretexto perfeito para conhecer a sua “grande referência de sempre, artística e humana”: José Mário Branco. Graças ao contacto com José Mário, a fadista torna-se igualmente próxima de Manuela de Freitas, actriz, letrista, companheira do músico. “Quando canto”, admite, “canto com as experiências que tivemos no trabalho com o Camané [Aldina pesquisava, José Mário produzia, Manuela escrevia algumas letras] e, ainda antes, com a maneira como sempre absorvi a actividade artística deles” (3).

Arranque e pausa

Em 1995, a convite do guitarrista Mário Pacheco, Aldina Duarte passa a integrar o elenco do Clube de Fado. Durante os dois anos seguintes é ali que canta e se vai fazendo fadista. Pouco depois, viaja para Itália, a fim de cantar numa “peça lindíssima do Antonio Tabbuchi”, intitulada *Os Últimos Três Dias de Fernando Pessoa*, no Teatro Piccolo de Milão. Já a cantar no elenco do Senhor Vinho, propriedade da fadista Maria da Fé e do letrista José Luís Gordo, Aldina parecia ter o seu percurso encarrilado. “Nunca soube muito bem o que queria fazer”, confessou. “Tive de trabalhar muito cedo e fazia o que aparecia. Como não sou capaz de fazer o que não gosto, ia saltando de trabalho em trabalho. O fado tornou-se a minha forma de expressão mais duradoura. Foi onde me encontrei” (1).

Ainda assim, após cinco anos a cantar de forma consistente, e mesmo continuando a sentir-se fadista, Aldina parou “por achar que não tinha talento nenhum” (4). Durante seis meses, não conseguiu retomar a música. “Sentia-me triste, mais do que deprimida”, diria (3). A pausa durou até ao dia 22 de Julho, data do seu aniversário, quando Aldina foi festejar com alguns amigos e com o seu marido, Camané, que se encontrava a cantar no Senhor Vinho. Na sua presença, Maria da Fé resolveu dedicar-lhe um fado: “Disse que eu tinha um talento extraordinário mas que estava num momento de pausa. Foi como quando estamos a ouvir um programa de rádio e há uma interferência, só se ouve ruído. Nem sabia que ela pensava aquilo. E dizia que quando se tem este talento, por mais que se queira fugir, é impossível, é mais forte que nós. E que o que ela mais gostava era que eu retomasse no Senhor Vinho. Tive um ataque de choro, convulsivo” (4). Limpas as lágrimas, Aldina recompôs-se e decidiu-se a cantar dois fados naquela mesma noite.

O rastilho reacendeu-se. Aldina sabe bem que há outra vibração, o sangue ferve de outra maneira e a alma despe-se integralmente quando não há palco, apenas um metro a separar o/a fadista de quem o/a ouve – ali não há mentiras, não há microfones, não há botões de volume, há apenas um canto que não se pode escudar, as emoções derramadas sem filtros. As vozes maiores sentem-se aí. E esse ambiente irrepetível lembrou Aldina de que o seu lugar era aquele. “A Maria da Fé e o Camané convenceram-me que era tudo disparate meu”, disse (4). Aldina quis, felizmente, ser convencida. Aos poucos, começou a cantar novamente na casa de Maria da Fé durante os fins-de-semana e foi ficando. Até hoje.

As vozes persuasoras de Camané e Maria da Fé não eram, naturalmente, umas quaisquer. Os dois, juntamente com Beatriz da Conceição, constituem o grupo a que Aldina chama o seu “tripé artístico”. “Apesar de haver outros com quem aprendi muito, com estes contactei também muito – que é uma forma de aprendizagem muito forte” (3).

O regresso ao Senhor Vinho teria para Aldina um vaor especialmente simbólico: “Esta arte só pode nascer onde nasceu verdadeiramente” (1).

Apenas o Amor

Aos 37 anos, com a voz já senhora das suas emoções, Aldina Duarte estreia-se finalmente nos discos, pela mão da EMI-Valentim de Carvalho. Intitulado *Apenas o Amor*, o seu primeiro álbum destacar-se-ia desde logo por incluir oito poemas da sua autoria, arrojo raro no mundo do fado e mais escasso ainda com uma qualidade que em nada empalidecia ao lado dos letristas tradicionais. “Até hoje, só escrevi quando não encontrei letras que dissessem o que para mim era urgente cantar na altura”, justificaria (5). Já antes, aliás, Aldina assinara as letras para o álbum *Diz*, uma parceria do contrabaixista Carlos Bica com a atriz/cantora Ana Brandão. A qualidade dos seus textos para fado não tardou também a obter um amplo reconhecimento. Assim, para lá dos poemas que abastecem o seu próprio canto, Aldina começou a espalhar os seus versos pelas vozes de Camané, Joana Amendoeira, António Zambujo ou Pedro Moutinho.

Apenas o Amor, lançado em 2004, evidenciava a segurança no percurso que Aldina desenvolvera até então. Lançada na pesquisa aturada do espólio das 140 músicas do fado tradicional, a cantora rapidamente percebeu que era aí, sem intervenção de ideias pretensamente inovadoras, que queria fazer o seu caminho. “É a partir daí”, diria, “que cada fadista vai fazendo o seu percurso e criando a sua identidade. É preciso que essa música flua de tal maneira, porque vive do improviso e para improvisar é preciso ter a verdade muito absorvida. Isto é fascinante!” (2).

A certeza do “caminho solitário” que estava a tomar – Aldina lembra que não tinha produtores, nem compositor, nem letristas que quisessem trabalhar consigo – levou a que decidisse avançar para o seu primeiro disco antes sequer de haver contrato com a EMI-VC. Tanto assim que, recrutados os músicos com quem desenvolvera já uma cumplicidade sublime – José Manuel Neto (guitarra portuguesa) e Carlos Manuel Proença (viola), que ainda hoje a acompanham –, foi a própria a assegurar a produção de um registo que deixaria claro o seu posicionamento: o seu canto era cru, visceral, sem necessidade de complicar onde se exigia a simplicidade. Uma ligação directa e ardente às emoções.

Para que essa verdade não fosse traída, Aldina gravou metade do disco no Senhor Vinho – “queria que o disco fosse tanto quanto possível o retrato nu e cru daquilo que tenho feito” na casa de fados – e a outra metade na sala-estúdio do Teatro Nacional D. Maria II. A escolha de espaços pouco habituais às gravações pretendia, naturalmente, reforçar o compromisso com “a magia que só acontece no dia-a-dia das casas de fado” (2). “Antes de gravar estes fados, cantei-os durante ano e meio na casa de fados, para os apurar, viver com eles e eles conhecerem-me a mim... E achei que seria a maneira de correr menos riscos e de apresentar a génese do que faço e do que sei fazer”.

Crua

“A textura da voz, a intenção da leitura, a respiração que toma as rédeas do peito e que respira quando nós nos sustentamos, a força telúrica capaz de devolver à terra tudo o que à terra pertence, o drama e a dádiva, principalmente a dádiva das coisas simples e eternas da vida, é que me levam Mar adentro. Se tudo isto é fado, tudo isto é Aldina!”

João Monge

A ideia para o segundo álbum de Aldina Duarte, *Crua*, começa a nascer quase por acaso. No final de um concerto de apresentação de *Apenas o Amor*, João Monge – letrista dos Trovante e da Ala dos Namorados, e co-inventor do colectivo Rio Grande, tinha já escrito para Camané e Mísia – dirige-se ao camarim de Aldina e diz-lhe “Muito obrigado pelo teu disco”. Ela, espantada, retorque: “A sério?! Gosta?! Se gosta mesmo, podia demonstrar isso escrevendo um disco inteiro só para mim”. Monge ri-se, desvaloriza dizendo que Aldina não precisa de ninguém, que dá perfeitamente conta do recado sozinha. “Mas a ideia nunca mais me saiu da cabeça”, revelou mais tarde (4). “Quando me disseram que era hora de pensar num segundo trabalho, dei esta ideia. O João aceitou. Afinal, fiquei a saber que há muito sonhava ter alguém para interpretar o fado escrito por ele”.

Os fados tradicionais foram escolhidos por quem melhor os conhecia. Depois de todo o trabalho de pesquisa realizado para Camané e para a sua própria formação enquanto fadista, o conhecimento de Aldina dispensava quaisquer ajudas neste campo. E as palavras com que João Monge a ia abastecendo, por via desse conhecimento profundo, iam caindo quase milagrosamente nos fados eleitos pela fadista. O encaixe seria ainda facilitado pela coincidência de fundo político entre os dois. Aldina, mulher de fortes convicções humanistas e desde sempre assumida como “ser de esquerda”, descobriria naqueles fados “um descaramento na abordagem do prazer própria da esquerda” (4).

Relativamente ao título escolhido, Aldina Duarte dirá que “o álbum é cru porque cada um trabalhou, ao longo de seis meses, e individualmente, os temas, as letras, sem artifícios”. “É um disco muito intenso, cheio de contrastes. Os meus, os do mundo e os das pessoas que trabalharam comigo”. Ou seja, Monge na escrita, Proença na viola e Neto na guitarra portuguesa.

Londres, Madrid

O ano de 2007 seria um período de sinais contrários na carreira de Aldina Duarte. Em Novembro, participa no elenco do espectáculo Divas do Fado, apresentando no Queen Elizabeth Hall, em Londres, no festival Atlantic Waves, organizado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Em palco, surge ao lado de algumas das suas grandes referências, como Beatriz da Conceição e Maria da Fé, assim como de outras vozes entretanto despontadas – Mafalda Arnauth, Joana Amendoeira e Raquel Tavares.

Meses antes, no entanto, Aldina Duarte fica a saber da sua dispensa do catálogo da EMI nacional. Devido a um atribulado processo de reestruturação da filial portuguesa, que passa então para a directa dependência administrativa e financeira de Madrid, as ordens vindas de fora ditam o afastamento de vários artistas nacionais que, na análise fria e cega dos números, não estarão de acordo com os objectivos traçados a regra e esquadro pela casa-mãe espanhola. Assim, Aldina, Sérgio Godinho, Mesa, Jacinta e Souls of Fire deixam de estar sob contrato com a EMI.

Mulheres ao Espelho

A medida de dispensa do catálogo da EMI não produz, ainda assim, efeitos negativos na vontade criadora de Aldina Duarte. E, em vez de cruzar os braços e ficar à espera que algo aconteça, a fadista cria a sua própria editora para publicar o álbum que começava já a germinar dentro de si – *Mulheres ao Espelho*. Com o nascimento da Rodalámusic, passa a assumir toda uma série de funções empresariais, conquistando uma posição de absoluta independência, curiosamente mais consentânea com a sua postura quotidiana e artística. “Tive de pedir um empréstimo para abrir uma editora e poder editar o meu disco, sou eu que faço a facturação da empresa, sou eu que negoceio e monto os meus próprios espectáculos, as tournées, a promoção”, descreveu (6).

Mulheres ao Espelho parte da discussão em torno da despenalização da interrupção voluntária da gravidez, motivada pela aprovação em referendo da nova lei do aborto, em Fevereiro de 2007. Depois de perceber-se “muito chocada” pelo “desrespeito pela sensibilidade e pela condição feminina, que pensava honestamente que já não existia” (7), a revolta conduz Aldina a uma reflexão profunda, reforçada pela morte de uma figura de referência na sua vida, a psicóloga e sexóloga portuguesa Maria Clementina Diniz. “Dedico o disco às mulheres com quem aprendi coisas essenciais, e que têm todas um traço comum: foram pioneiras” (7).

Um dos temas mais fortes de *Mulheres ao Espelho* leva por título “Princesa Prometida” e é uma reacção pela pena da própria Aldina “contra uma série de pressões e de estigmas a que as mulheres estão sujeitas”. “Desde aquela coisa mais descarada que há a Oriente, das mulheres prometidas, destinadas, até à nossa própria realidade – o contrato social e financeiro a que a maior parte das mulheres continua a sujeitar-se a Ocidente é tão grave como isso” (6). Ao trono da beleza, da juventude e da dependência, Aldina contrapõe a falta de respeito que implica olhar para os elencos governativos dos vários países e encontrar uma quantidade ínfima de mulheres.

Mulheres ao Espelho é também o disco do encontro de Aldina Duarte com a poesia de Maria do Rosário Pedreira. Até à altura, os textos de Maria do Rosário só haviam saltado dos livros de poesia para um disco de Carlos do Carmo. Aldina pediu-lhe dois poemas, dando-lhe apenas a pista de que o álbum seria sobre mulheres ao espelho. A resposta, por escrito, fez-se com dois espantosos textos intitulados “Quadras de Amor Errante” e “O Amor Não se Desata”. Mais o poema “Mãe”, lido pela própria Maria do Rosário, que encerra o disco. “Não tive a pretensão de dar respostas a nada”, diz Aldina. “É um trabalho que trata das minhas questões permanentes. Constatei que não há homens felizes ao lado de mulheres infelizes” (6).

Um corpo para a alma

Procurando sempre questionar o seu percurso e colocar-se em situações menos confortáveis, Aldina Duarte dedicou algum do seu tempo entre álbuns e extra Senhor Vinho a projectos menos óbvios. Um deles foi o espectáculo *Aldina Duarte por Olga Roriz*, apresentado no Teatro S. Luiz, em Lisboa, em Julho de 2010. Ao invés de coreografar o corpo de Aldina, Olga Roriz assumiu o papel de directora musical, deixando a voz da fadista acompanhada apenas por um único instrumento em cada um dos 11 fados que interpretava. Se havia as óbvias guitarra portuguesa e viola, outras das escolhas puseram Aldina a cantar em diálogo com piano, percussão, harpa, acordeão e contrabaixo. Tudo porque depois de tanto ouvir sobre si “a Aldina tem muita alma”, a fadista perguntou ao então director artístico do S. Luiz, Jorge Salavisa, quem lhe poderia oferecer um corpo para a sua alma. Ao que Salavisa respondeu imediatamente: “Olga Roriz”.

Enquanto o disco novo não chegava, Aldina participou também no disco a solo de Pacman, ex-vocalista dos Da Weasel, *Uma Falaciosa Noção de Intimidade*, assim como integrou o projecto Laço Eterno, com músicos vindos da música improvisada e do jazz – Vítor Rua, Carlos “Zíngaro” e Carlos Barretto. Mais pensado para o palco, o Laço Eterno deverá dar algumas novidades em breve.

Contos de Fados

Amante dedicada da literatura, era apenas uma questão de tempo até que os dois universos arranjassem forma de se encontrar com outro fôlego na obra de Aldina Duarte. A meio da leitura de um conto de Nikolai Gógol, *O Retrato*, o título do disco surgiu a Aldina vindo do nada: *Contos de Fados*. A partir daí, a fadista tratou de desenvolver um conceito que o tornasse “para além de apelativo, consistente” (5). E convidou então alguns dos seus letristas preferidos – Manuela de Freitas, José Mário Branco (“os responsáveis pelos alicerces da construção da minha biblioteca pessoal”, chama-lhes (8)), Maria do Rosário Pedreira, José Luís Gordo e a própria Aldina – a escrever letras a partir de obras da literatura universal. O ponto de partida tanto poderia ser um romance como uma crónica ou uma novela. Tudo era válido como fonte de inspiração.

Assim, em *Contos de Fados* Aldina Duarte canta textos escritos a partir de *O Eterno Marido*, de Dostoiévski, *A Bela Adormecida*, um conto de Hermann Hesse, a peça de teatro *Um Eléctrico Chamado Desejo*, de Tennessee Williams, e o mito de Orfeu e Eurídice, entre outros. O álbum, diz Aldina, pode ser descrito como “uma espécie de luta entre o amor e o desamor”. E a experiência foi tão intensa que a fadista se diz “artisticamente e humanamente diferente depois desse disco” (3). “Fui obrigada a cantar sentimentos que nunca tinha cantado. As dores do amor, as alegrias do amor, a cidade, a raiva, o desespero – canto isso desde sempre. Mas o vazio, a frieza, a incapacidade de amor, não. A mentira, a fealdade, também não. Tive de ir a um fundo a que ainda não tinha ido, para me poder interpretar”. Esta abordagem, no entanto, daria a Aldina o disco em que menos se cantou a si própria.

Romance(s)

Depois da edição de *Contos de Fados*, Aldina Duarte recolheu-se no seu canto, dedicou-se ao canto quotidiano no Sr. Vinho e convenceu-se de que terminara o seu percurso discográfico. “Enquanto na casa de fados sinto que evoluo diariamente, nos discos restava-me fazer o quê?” (9), perguntou-se. Vendo a crise financeira e social a abater-se sobre o país e a prossecução de duras medidas de austeridade (passe o pleonasma), convenceu-se de que os álbuns eram coisa de pouca utilidade e de que não tinha nada para dizer. E sossegada estava na sua vida quando Maria do Rosário Pedreira a convidou para jantar em sua casa e lhe largou no colo um desafio irresistível: a poetisa propunha-se escrever um romance em verso para fados tradicionais, construído em torno de um triângulo amoroso.

Num apurado trabalho desenvolvido a duas vozes, Aldina e Maria do Rosário afinaram esta abordagem inédita aos fados. E sendo inédita, a fadista virou-se para duas referências fundamentais que a ajudassem a encontrar o rumo certo. A trilogia “Lusitana Diáspora” de Fausto – “porque é a única pessoa que conheço que conta em disco uma história com princípio, meio e fim, e com personagens muito variadas”, disse – e Alfredo Marceneiro, “o contador de histórias por excelência”. Para a interpretação dos vários poemas, Aldina assumiu precisamente os diferentes registos emocionais das personagens, mudando de pele à medida das exigências de cada tema.

Se o desafio era já imenso, quando Paula Homem, A&R da Sony Music, lhe propôs que a produção de *Romance(s)* ficasse a cargo de Pedro Gonçalves, membro do duo Dead Combo, o disco cresceu ainda mais na sua ambição... e na sua extensão. Convencido de que pouco tinha a oferecer num contexto de fado tradicional para além do desejo confesso de centrar o disco na captação da voz de Aldina tal como a ouvia na casa de fados – e que o músico achava ainda não ter sido conseguido em estúdio –, Pedro Gonçalves (por sugestão da mulher, a bailarina e coreógrafa Ainhoa Vidal) avançou com a ideia de que a mesma história pudesse ser contada em dois registos distintos. Num primeiro *Romance*, ouvimos Aldina em casa, desfiando magnificamente a história a três por cima dos fados tradicionais que são o seu lugar familiar; num segundo *Romance*, os mesmos poemas são pintados com “referências comuns” como PJ Harvey, Ry Cooder, Björk e Patti Smith, num cenário de pop de largo espectro e em que ouvimos ainda como convidados Camané, Filipa Cardoso e Ana Moura.

Fiel sempre ao fado tradicional, Aldina nunca até aqui sentira o apelo de trazer algo inédito para o fado. “Quando me perguntam quais são as novidades, eu digo que não tenho. A única novidade, de disco para disco, sou eu a cantar letras escritas sobre o que acontece agora, escritas por mim ou para mim. Não tenho a preocupação de inovar nada. Acho isso limitativo e redutor” (6). Mas apesar desse registo fora de pé que arrisca em Romance(s), e que chega por mão de terceiros, não é novidade que se lhe pede. O canto de Aldina Duarte, colado ao fado tradicional, é um milagre de contenção e emoção a que apetece voltar sempre, sem o qual não sabemos já viver.

“O Mário Viegas costumava dizer que tinha de estar ligado ao teatro, nem que fosse o homem da bilheteira; eu digo o mesmo, mas em relação ao fado. Podia até ser porteira de uma casa de fados. Não sei o que é viver sem isto”.

Aldina Duarte, entrevista ao jornal Expresso, 10 de Junho de 2011

FONTES DE CONSULTA

Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX (Temas e Debates / Círculo de Leitores, 2010)

Biografias no site do Museu do Fado (www.museudofado.pt)

CITAÇÕES:

- (1) Entrevista a Aldina Duarte por Tiago Salazar, *Máxima*, Julho de 2007
- (2) Entrevista a Aldina Duarte por Miguel Francisco Cadete, suplemento Y (*Público*), 26 de Março de 2004
- (3) Entrevista a Aldina Duarte por Anabela Mota Ribeiro, revista *Pública* (*Público*), 29 de Maio de 2011
- (4) Entrevista a Aldina Duarte por João Pedro Oliveira, suplemento 6^a (*Diário de Notícias*), 20 de Janeiro de 2006
- (5) Entrevista a Aldina Duarte por Manuel Halpern, *Jornal de Letras*, 1 de Junho de 2011
- (6) Entrevista a Aldina Duarte por Sarah Adamopoulous, *Notícias Magazine*, 19 de Outubro de 2008
- (7) Entrevista a Aldina Duarte por Nuno Pacheco, suplemento Ípsilon (*Público*), 6 de Junho de 2008
- (8) Entrevista a Aldina Duarte por Alexandra Carita, suplemento Actual (*Expresso*), 10 de Junho de 2011
- (9) Entrevista a Aldina Duarte por Nuno Pacheco, suplemento Ípsilon (*Público*), 22 de Abril de 2015